

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

31



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2022



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**31**

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2022



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**

Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Bruno Marques dos Santos, Catarina Madeira, Maria de Fátima Rosa, Matilde Frias Costa

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Bruno Marques dos Santos, Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

**Investigadores CH-ULisboa | Researchers CH-ULisbon**

Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Diego Paiaro (Universidad de Buenos Aires), Inês Torres (CHAM - Centro de Humanidades), Irene Borges Duarte (Universidade de Évora), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Maria Paim Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Leonor Santa Bárbara (Universidade Nova de Lisboa), Sobhi Ashour (Helwan University), Thais Rocha da Silva (University of Oxford).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2022

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 0871-9527

**eISSN:** 2183-7937

**Depósito Legal:** 54539/92

**Tiragem:** 150 exemplares

**P.V.P.:** €15,00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon

Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL

Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63

cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

*GUEST ESSAYS*

- 11 SAMOTRACIA Y LA FÓRMULA/INSCRIPCIÓN DE ARJANES  
SAMOTHRACE AND THE ARCHANES FORMULA/INSCRIPTION  
Marta López Aleixandre

- 31 HELENA:  
Uma mulher Troiana na Azulejaria Portuguesa  
*HELEN:*  
*A Trojan woman on Portuguese Tiles*  
Rosário Salema de Carvalho

### 57 ESTUDOS

*ARTICLES*

- 59 A LOGÍSTICA MILITAR EGÍPCIA NO CAMINHO PARA A BATALHA DE KADECH:  
Uma análise iconográfica dos processos logísticos durante o reinado  
de Ramsés II (c. 1290-1224 a. C.)  
*EGYPTIAN MILITARY LOGISTICS ON THE ROAD TO THE BATTLE OF KADESH:*  
*An iconographic analysis of logistical processes during the reign*  
*of Ramesses II (c. 1290-1224 BC)*  
Eduardo Ferreira
- 83 OPOSIÇÃO OU COMPLEMENTARIDADE?  
A relação mágico-medicinal entre o *āšipū* e o *asū* (século VII a.C.)  
*OPPOSITION OR COMPLEMENTARITY?*  
*The magical-medical relationship between the *āšipū* and the *asū**  
*(7th century BCE)*  
Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida
- 103 AN UNPUBLISHED FUNERARY MASK IN THE EGYPTIAN MUSEUM (TR 18.8.19.4)  
Abdelrahman Ali ABDELRAHMAN & Ahmed Derbala

- 119 UNIDADE NA GRÉCIA ANTIGA E ANACRONISMO NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA:  
Breve comentário à *techne* dos séculos V e IV a.C.  
*UNITY IN ANCIENT GREECE AND ANACHRONISM IN AESTHETIC EXPERIENCE:  
A brief discussion over the subject of techne in the fifth and fourth centuries BC.*  
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 141 O ESTRATEGO NA OBRA DE TUCÍDIDES:  
Um estudo introdutório (431 a.C. - 404 a.C.)  
*THE STRATEGOS IN THE WORKS OF THUCYDIDES:  
An introductory essay (431 B.C. - 404 B.C.)*  
Tiago Maria Líbano Monteiro Rocha e Melo
- 161 AS RELAÇÕES DE HOWARD CARTER COM O GOVERNO EGÍPCIO  
(1924-1925):  
Entre manifestações de imperialismo, espírito nacionalista e interesse  
científico-arqueológico  
*HOWARD CARTER'S RELATIONS WITH THE EGYPTIAN GOVERNMENT (1924-1925):  
Between manifestations of imperialism, nationalist spirit and  
scientific-archaeological interest*  
José das Candeias Sales & Susana Mota

## **197 RECENSÕES**

*REVIEWS*

## **245 IN MEMORIAM**

## **261 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**RECENSÕES**  
REVIEWS

eram vistos como complementares, embora claramente demarcados e hierarquizados. A A. sublinha que os sacerdócios de casais eram um traço cívico central, definidor até, na Roma arcaica, mas que esse aspecto é geralmente escamoteado por uma abordagem que tende a privilegiar o género masculino; e que o culto de carácter público exigia que sacerdotes e sacerdotisas cooperassem uns com os outros como homens e mulheres, e não apenas como oficiais religiosos.

O capítulo 3, “Salian Virgins, *Sacerdotes*, and *Ministrae*”, foca uma série de sacerdotisas como as Virgens Sálías e as sacerdotisas de Baco, e, ainda, as sacerdotisas de cultos de divindades femininas, como a *Fortuna Muliebris*, a *Bona Dea*, *Magna Mater* e Ceres, assim como o vasto leque de auxiliares femininas, servas e libertas, que cuidavam dos templos, guardavam os santuários, faziam libações, assistiam aos rituais e providenciavam música nos ritos religiosos, o que problematiza a perspectiva tradicional do sacerdócio romano e confirma que as mulheres estavam envolvidas nos ritos oficiais em praticamente todos os papéis, ocupando um lugar verdadeiramente central na vida religiosa romana.

Os últimos quatro capítulos, permeados de uma série de ilustrações a preto e branco, estudam as únicas sacerdotisas que se dedicavam a tempo inteiro ao seu ofício, as Virgens Vestais: selecção, iniciação, estatuto legal e privilégios, virgindade (capítulo 4); vestes, calçado e adereços (capítulo 5); actividades rituais (capítulo 6); e exemplos de possíveis formas de influência no domínio político, dado que, de todas as sacerdotisas, eram as Vestais as que, de longe, gozavam de maior respeito, prestígio e deferência na sociedade romana (capítulo 7).

Ao longo do livro, são escassas as gralhas tipográficas. Todas as citações de passos em grego e em latim são acompanhadas da tradução respectiva em inglês, o que potencia a larga difusão dos conteúdos expostos no livro. Uma talvez excessiva preocupação por exaustividade leva à repetição de alguns temas e ideias, e a um certo fastio no leitor. Ainda assim, o objectivo é francamente cumprido: a A. demonstra que, apesar de apartadas dos ofícios, tradicionalmente masculinos, dos augúrios e da divinação, as sacerdotisas desempenhavam, autonomamente, ou cooperando em igualdade com os sacerdotes, um papel fundamental na manutenção da prosperidade de Roma. Assim, é muito positiva a apreciação global do livro, cujos capítulos certamente se revelarão de interesse para todos quantos se interessam pela religião romana.

**Ricardo Duarte**

*CEC, Universidade de Lisboa*

**CAROLINE VOUT** (2018), *Classical Art. A Life History from Antiquity to the Present*. Princeton, Princeton University Press, 376 pp. ISBN 9780691177038 (£32.00).

O trabalho de Caroline Vout vem responder a uma lacuna nos estudos de recepção da Antiguidade Clássica, embora parcialmente abordada, ainda que timidamente, por outros especialistas da mesma área nos últimos anos, de entre os quais destacamos, apenas para mencionar os principais, além da própria, Tönio Holscher, William A. P. Childs, Brunilde S. Ridgway, Jas’ Elsner e, sobretudo, discutivelmente embora, Miranda Marvin. Esta tradição lacunar, encabeçada em 1893 pelos



estudos típicos de *Meisterforschung* e *Kopienkritik* de Adolf Furtwängler, através da opus *Meisterwerke der griechischen Plastik*, tem em Caroline Vout uma furiosa crítica e historiadora que, lançando mão de interrogações que aliás muito se harmonizam com aquelas suas contemporâneas levantadas em 2018 pelos já mencionados T. Holscher e W. Childs (sobre o efeito de exegese da supracitada procura do original putativo na escultura grega e romana que tem no efeito de *Meisterforschung* o veículo principal, abordado sobretudo nos capítulos finais), aprofunda temas historiográficos vários, dentro dos estudos de reposição de que os objectos de tipo *agalmata* são alvo, espartilhando a crítica cirúrgica à investigação aturada, com propostas inteligentes e originais para os temas em apreço.

A crítica rigorosa e exigente levada a cabo pela A. parece introduzir uma inovação ao modo como os problemas de recepção dos clássicos, inscritos neste tipo de exegese de que a tradição crítica se não tem desembaraçado desde 1893, têm sido discutidos ao longo do tempo: a A., muito assumidamente e sem pejo, reenvia a paternidade da leitura *romântica* das criações plásticas gregas — que vulgarmente se atribui às interpretações setecentista e oitocentista por um lado, e ao critério romano por outro (na senda de W. Childs, o qual, muito provavelmente, parafraseará outros especialistas da mesma área) — ao repositório helenístico. Ao contrário da maioria dos especialistas, a A. arrisca uma leitura que faz dos próprios gregos, sobretudo a partir do período helenístico, embora não sem excepções, responsáveis pelo fenómeno de fascínio que os deposita como pais da arte e da técnica, para sempre reabilitados no firmamento virtual e imaginário de culturas vindouras, a partir do qual se desprende, adicionalmente, um efeito de grande fascínio jamais igualado. Esta exposição arrojada da A. tem no grupo escultórico dos *Tiranicidas* o principal condutor, abordado ao longo do primeiro capítulo (“Setting the Agenda, or Putting the Art into Heritage”), e retomado aquando da sua pertinência, numa cronologia de factos que se organizam desde o século VI a.C. ao cabo da Roma Imperial, gerando, no capítulo seguinte (“Finding the Classical in Hellenistic Greece”), um estudo compulsivo a esculturas várias que se destacam pelo cosmopolitismo, ou seja, por muito terem viajado entre urbes gregas em diáspora, rebocadas de um lado para o outro à mercê de pilhagens, reposições geopolíticas e vicissitudes despoletadas por domínios territoriais, ao ponto de abarcarem novos contextos e novas memórias. Para principais objectos de estudos neste segundo capítulo, a A. reúne primeiro o Mausoléu de Halicarnasso e depois o Altar de Pérgamo, a partir do qual reconhece, justamente, com as esculturas de Halicarnasso, o começo daquilo a que convencionalmente a tradição se habituou a chamar de “arte clássica” ou “classicismo”. A proverbial ideia de que a “arte clássica”, e o prestígio que dela emana, é herdeira de um ímpeto arquivista romano (não só arquivista, como também coleccionador, como propriedade da hegemonia imperial) é corrigida neste livro, para a A. mostrar que precisamente em pleno século IV a.C., no tempo alexandrino e pós-alexandrino sobretudo, são os próprios gregos a tomar esse impulso. Consequentemente, o interesse romano pela arte grega parece, com evidência, remontar ao contexto de Pérgamo, como berço das “artes” gregas, do classicismo ático e de um centro bibliotecário digno de competição com Alexandria, havendo que esperar da parte de Roma certa cobiça, mas também admiração. São, portanto, os Atalidas os putativos pais do “classicismo” ático, de resto, modelo para qualquer império, como é o caso do Romano que, no terceiro capítulo (“Making Greek Culture Roman Culture”), seguirá no encalce daqueles, transformando a sua *ars*, na época pré-Imperial, em algo de “helenizante” ou “egipcianizante”, ao sabor da novidade e da corrupção que os efeitos da pilhagem, ou do luxo pernicioso, registados sobretudo por Plínio-o-Velho, Cícero e Lívio, à conta de discursos

moralizantes, vêm trazer à sociedade. A discussão sobre a utilidade, ou o “fim da arte”, chega, por atacado, com as procissões triunfais cujos espólios de guerra ociosamente nelas destacam, daí em diante fazendo os generais de Roma da escultura (especialmente) e pintura gregas uma espécie de bibelots representativos de *status* dentro da sociedade romana, cujo rebaixamento, porém, abre portas à teorização dos objectos, donde se captam os primeiros registos de uma História da Arte de *per se*, através do conhecimento cumulativo. A biblioteca de Cícero, os mercados de escultura romana “helenizante” para uma clientela endinheirada, a multiplicação furiosa de objectos de culto tipicamente gregos (cuja escala vai reduzindo progressivamente) e o começo de uma arte marginal propriamente romana, reconhecendo embora sem essa pretensão uma certa proximidade com o estilo arcaico grego, são alguns dos tópicos que mais se destacam nesta cultura de imitação e de competição que dá à arte Grega a designação de “arte” propriamente dita.

No quarto capítulo (“Roman Art, the Building Blocks of Empire”), os exemplos de alguns dos imperadores mais emblemáticos da história do Império Romano, tais como Augusto, Nero, e Adriano, dominam os quadros do gosto artístico de um passado para o qual a reciclagem de retalhos constitui uma linguagem de poder e autoridade. A A. selecciona por um lado casos de estudo como o Arco de Constantino e a *Villa* de Adriano, por outro recolhe impressões muito particulares de Suetónio, Cícero, Séneca, e Catulo, intercalando-as com exemplos variadíssimos da Renascença e mais recentes, na condição de estes imitarem o que aqueles registaram. A escassez de fontes para o traçado das rotas, após a queda de Roma, de algumas das esculturas mais representativas do Império raras vezes favorece um estudo desta envergadura e inteligência, que a A. consegue levar a bom porto, analisando, para tanto, a entrada de *spolia* gregos e cópias romanas na alta Idade Média e a diáspora de objectos artísticos de Roma para Constantinopla e de Constantinopla para Veneza e Florença, sobretudo a par das colecções de Constantino e de Lauso, o eunuco, fazendo a A., desta forma, uma transição gradual para a mitologia criada em torno de Constantinopla e de uma arte agora denominada de “greco-romana”.

A mudança de paradigma nas estátuas e objectos variados, cujo valor, originalmente de culto, passa a estético, de apreço pela escultura e símbolos pagãos, instituído pelo cristianismo, vai dominar a escolha temática dos capítulos cinco e seis (“Reviving Antiquity in Renaissance Italy” e “European Court Society and the Shaping of the Canon”), com incursões por textos literários vários cujo impulso arquivista de ênfase efrástica pela escultura leva à fomentação da gravura e do desenho (François Perrier, Jan de Bisschop, Montfaucon, etc.), representativos do fenómeno do gosto pela Antiguidade. A estes se juntam literatura de crítica ao papado (pela mão de Platina, Cyriac, e Aretino, sobretudo), às monarquias europeias (como a corte de França do século XVI e o palácio de Fontainebleau e a de Inglaterra do sec. XVII) e a colecções inscritas no seio de Veneza e Roma do século XVI (modelos a imitar pelas cortes europeias), assim como se prodigalizam preciosos comentários da A. a retratos cujo pano de fundo é adornado, nem sempre, com escultura ou bibelots greco-romanos que evocam, com efeito, o típico *Kunstkammern* para efeitos de usufruição íntima de arte “exótica” e favorecem condições prematuras para a formação do museu moderno tal como o conhecemos hoje. Estas contingências competem num meio que se verga a uma contenda entre as capacidades artísticas da época e as do passado greco-romano, de molde que monarcas, como Henrique VIII de Inglaterra, apenas para mencionar um exemplo, comissionem a escultores do seu tempo objectos vários a imitar artefactos gregos ou romanos, *ipso facto*. Para estes dois capí-

tulos, a A. mune-se de um catálogo de fontes de arquivo que lhe permite traçar a rota de esculturas tantas, algumas das quais mencionadas em capítulos prévios, assim como registar os vários passos que levam à restauração de membros perdidos em estátuas, como no caso da cabeça da *Diana de Poitiers*, renovada por Du Bellay. O estudo da influência de Thomas Howard, Conde de Arundel, e de sua mulher na manutenção de uma Europa colecionadora, do *seicento* em diante, pareceu-nos redundar num meticuloso Estado da Questão para a literatura de inventários e da História da Arte como disciplina que, no capítulo sete (“‘Neoclassicisms’ and the English Country House”), abre as portas para o sentimento de auto-reflexão que o século XVIII, com a intimidade que as galerias privadas das casas senhoriais inglesas permitiam, convida, merecendo, aliás, o desempenho condigno a que os senhores ingleses se prestavam, ora insinuando poses canónicas, lobrigadas nas esculturas do capítulo anterior, para os retratos, ora esboçando pantomima de rotina, como no caso de Lady Hamilton, para efeitos de teatro social contra os malefícios do *emmi* a que a aristocracia estava sujeita. Estas condições, mais o estudo àquelas que presidem a mudanças intrínsecas no espectador sensível que observa objectos de arte clássica, seguidas de aturados inventários a colecionadores ingleses e ao fanatismo por gessos que a partir deles prolifera, não descurando o fenómeno da transição da colecção privada para o museu, fornecem as bases para os capítulos oitavo (“Seeing Anew in the Nineteenth Century”), nono (“The Death of Classical Art?”), e décimo (“And the Moral of the Story”), cujas premissas acentuam a importância da arqueologia em harmonia com a reprodução fotográfica e a progressiva actualização da cronologia para efeitos inestimáveis de revisão em torno do que se entendia por e hoje se conhece dos termos “clássico”, “classicismo”, “classicizante”, etc., em diálogo transversal aos períodos em apreço e na continuidade dos nossos dias.

Na impossibilidade de dar visibilidade a imagens e notas de rodapé ao mesmo tempo, a A. deu preferência àquelas em vez destas, o que achamos astuto, pese embora a importância das notas, muito instrutivas, aliás indispensáveis à boa compreensão do texto, aliadas a uma bibliografia de peso e a um índice remissivo pertinente. De modo geral se pode dizer que este livro celebra a exegese do tópico da arte “clássica” num brilhante tratado de Fortuna Crítica e jurisprudência que deve colher junto da comunidade científica grande admiração.

**Sílvia Catarina Pereira Diogo**

ARTIS-IHA, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

**HAMISH WILLIAMS ed.** (2021), *Tolkien & The Classical World*. Zurich and Jena, Walking Tree Publishers, 414 pp. ISBN 978-3-905703-45-0 (36.89€).

Quando, em 2013, o autor desta recensão coorganizou com Angélica Varandas e José Varandas o I Seminário *Tolkien, construtor de mundos*, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, era então evidente que havia ainda muito a estudar na obra de J. R. R. Tolkien, no que às influências da Antiguidade Clássica dizia respeito. Nós próprios fizemos, no II Seminário, realizado no ano seguinte, uma comunicação sob o título «Aspectos do platonismo de Tolkien: o conto de Númenor». Na ocasião, havia já algumas reflexões publicadas sobre o tema, que se encontravam



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA